

Estratégias de Entrevistas do JN com o Presidenciável Fernando Haddad

Rabeche Alves dos SANTOS¹

Jorge Arlan de Oliveira PEREIRA²

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

RESUMO

Nosso estudo, mais amplamente, se concentra em uma análise da cobertura feita pelo Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão) as eleições presidenciais do ano de 2018, analisando as entrevistas feitas com os cinco principais candidatos daquele ano, Ciro Gomes (PDT), Fernando Haddad (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), Jair Bolsonaro (PL) e Marina Silva (REDE) que compareceram ao telejornal mediante um sorteio que definiu a ordem das entrevistas. Cada candidato teve um total de 27 minutos para responder às questões abordadas pelos entrevistados Renata Vasconcellos e William Bonner e ao final, ainda recebiam mais um minuto para que respondessem ao slogan da campanha feita pelo jornal naquele ano “O Brasil que eu quero”. No presente texto, temos como análise específica a entrevista do candidato Fernando Haddad (PT), participante posteriormente do segundo turno, e que concedeu a entrevista na última semana do primeiro turno. A análise faz parte do projeto de pesquisa “Jornalismo, comunicação e democracia: o espaço público em tempos de convergências midiáticas e na perspectiva do estado democrático de direito”, coordenado pelo Prof. Dr. Jorge Arlan de Oliveira Pereira, desenvolvido no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia. Considerando que uma entrevista com candidatos a eleição presidencial às vésperas da mesma seja de grande valia para compreender as propostas e posições de cada um, procuramos analisar como se deu a condução da entrevista, buscando saber se o seu processo cumpriu o papel jornalístico de promover informação e discernimento ao cidadão eleitor. As temáticas pontuadas dentro da entrevista foram quatro, mas acabaram centralizadas durante todo o percurso, direta ou indiretamente, em questões relativas à corrupção que teriam o envolvimento do

¹Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMT. Email: rabechealvez@gmail.com

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Email: jorgearlan.op@gmail.com

partido do candidato Haddad. De forma direta, o tema corrupção tomou 14 minutos e 58 segundos; a reeleição municipal do candidato em 2016 ocupou o tempo de 3 minutos e 53 segundos em sua abordagem. O terceiro tema proposto, relacionado às ações administrativas de Haddad na prefeitura de São Paulo, ocupou de 2 minutos e 32 segundos do tempo de entrevista; crise econômica e desemprego tomaram 4 minutos e 18 segundos do tempo total. Durante toda a entrevista foi possível identificar uma postura agressiva na condução das perguntas, gerando um ambiente de interrogatório e de debate entre os entrevistadores e o candidato. O ponto de tensão se dava principalmente entre Haddad e Bonner, além do fato de os entrevistadores interromperem constantemente o entrevistado, numa situação em que ele não conseguisse concluir nenhuma de suas respostas, com inteiro prejuízo aos raciocínios que ele procurava desenvolver. Ao todo foram 44 interrupções e 17 tentativas de interrupções, processo que tomou 6 minutos e 46 segundos totais de interrupção, correspondente a 25,6% do tempo total de 27 minutos. Alguns pontos a serem observados estão ligados a linguagem utilizado no decorrer da entrevista, onde pode ser notado na conversa o uso de metáforas com teor pejorativo (ex: o candidato ungido pelo Lula). A insistência na abordagem da temática corrupção tomou diretamente 53,57% da entrevista, além da sua inserção de modo indireto ou subjetivo. Analisando as principais perguntas relativas à corrupção, pode-se observar um dos principais artifícios dos entrevistadores. Faziam longos enunciados, em tese para fundamentar a questão, e arrematavam com uma interrogação dura e seca. É o caso da primeira pergunta, feita pela apresentadora Renata Vasconcellos. Para ilustrar, vamos descrever a pergunta na íntegra: “O PT nas 2 vezes em que esteve à frente da presidência república, com Lula e depois com Dilma, protagonizou os maiores escândalos de corrupção da história recente do país, o mensalão e o petrolão envolvendo R\$ 12 bilhões em desvios. Nem Lula, nem Dilma, nem o PT jamais fizeram uma autocrítica, as pesquisas mostram que o eleitor quer um governo honesto. Arremate seco: “Como é que o senhor vai convencer o eleitor de que a corrupção não vai continuar no novo governo do PT, se não há uma autocrítica, se não há um pedido de desculpas ao povo brasileiro pelos bilhões desviados por causa da corrupção?”. Fernando Haddad começa a responder, dizendo que o Partido dos trabalhadores foi, de acordo com o Ministério Público e a Polícia Federal, os governos que mais fortaleceram os mecanismos

que combatem a corrupção, mas foi interrompido de imediato e, na sequência várias vezes, sempre buscava rearticular sua resposta. Neste caso, era intimado a responder questão deste tipo: “como convencer o eleitor de que a corrupção não vai continuar no novo governo do PT?” ou, mais genéricas, a respeito de supostos escândalos envolvendo o PT. Houve um momento em que num espaço de 10 minutos da entrevista, o candidato não conseguiu concluir sequer uma fala devido a interrupções dos componentes da bancada do Jornal Nacional. É o caso de se avaliar, sob o ponto de vista jornalístico, se ocorriam para evitar que o entrevistado não se desviasse da pergunta ou se era porque o entrevistado não daria a resposta esperada e intimada; se foram apresentadas de forma cordial ao entrevistado, mesmo que duras. O fato é que normalmente eram perguntas muito longas, quando poderiam perfeitamente ser mais objetivas. Pareceu que as interrupções estavam motivadas pelo interesse de não deixar o entrevistado apresentar um conjunto de argumentos que pretendia levar ao público. O candidato estaria impelido quase a responder de modo padronizado, como se precisasse preencher um gabarito. Como, então, a estratégia dos entrevistadores interferiu na qualidade da resposta ou informação que o público recebeu? Afinal, qual o objetivo da entrevista? O eleitor que gostaria de conhecer as propostas do candidato, através da importante entrevista do JN, ficou bastante prejudicado. Podemos perceber que a intenção dos jornalistas era apenas desestabilizar o entrevistado com suas perguntas, insistências e interrupções. Quem ganhou e quem perdeu nessa entrevista? Em uma entrevista mal feita, quem perde são todas as partes. O candidato entrevistado perde porque não conseguiu mostrar o seu potencial, o público perde por não consegue tirar as suas dúvidas em relação ao candidato e o jornal perde o seu valor jornalístico. Talvez o único ganhador seria a oposição político e eleitoral ao Partido dos trabalhadores. Nossa pesquisa, constituída de um conjunto de objetos de estudo, entre os quais a entrevista de Fernando Haddad ao JN, procura observar se o jornalismo tem cumprido seu papel legítimo de informar, com o uso dos necessários métodos de apuração e sustentado nos fundamentos da profissão. Desenvolve-se também uma reflexão acerca das tecnologias e como elas convergem entre si, impactando a atual forma de circulação da informação. O projeto “Comunicação, jornalismo e democracia: o espaço público em tempo de convergências midiáticas e na

perspectiva do estado democrático de direito”, em sua primeira fase, definiu como objeto de investigação às entrevistas dos principais candidatos à presidência da República do Brasil, em 2018, realizadas pelo Jornal Nacional. Trata da compreensão do jornalismo em mídias contemporâneas e tradicionais. Para o trabalho adotou-se a metodologia da Análise de Conteúdo e da Análise do Discurso Crítica. Foram feitas uma transcrição da entrevista do candidato Fernando Haddad (PT) na íntegra, cronometragem do tempo da entrevista com divisão de interrupções e tempo de temáticas, análise de perguntas e respostas e seu tempo, a postura impositiva, até mesmo interrogadora para com o candidato advinda dos apresentadores. E neste caso, particular, conclui que a entrevista do Jornal Nacional com o candidato Fernando Haddad não cumpriu bem o seu papel jornalístico. Usou estratégias de entrevista que ferem as normas básicas desta técnica tradicional de o jornalista levantar informações relevantes ao público. E confundiu o poder legítimo do Jornalismo de questionar com outras formas de poder, certamente na perspectiva da linha editorial e de outros interesses políticos e econômicos das Organizações Globo.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; ficção; arte; italiano; comunicação.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. Iniciação à filosofia do jornalismo. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. Jornalismo interpretativo. Porto Alegre: Sulina - ARI, 1980.

_____. Jornalismo opinativo. Porto Alegre: Sulina - ARI, 1980.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão – seguido de A influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Tchê Ltda, 1987.

GOMES, Wilson. Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V. 1. Florianópolis, SC: Insular, 2009.



JORGE, Thaís de Mendonça (org.). Notícia em fragmentos: análise de conteúdo no jornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

HABERMAS, Jurgen. Direito e democracia: entre facticidade e validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.

LAGE, Nilson. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MARTINS NETO, João dos Passos. Fundamentos da liberdade de expressão. Florianópolis-SC: Insular, 2008.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1990.